

O PENSAMENTO MILITAR SOVIÉTICO

Pelo Comodoro do Ar D.R.H. SPAIGHT
Do "Journal of the Rooyal United Institution".

Traduzido, *data vénia*, da Revista Militar (Argentina, de fevereiro de 1952, pelo Ten.-Cel. FLORIANO MÖLLER



ALVEZ seja exagero dizer que os ingleses esperam que tôdas as pessoas do mundo inteiro reajam, numa determinada situação, da mesma forma que êles

o fariam. Na maioria das vezes esta característica pode causar apenas ligeiros inconvenientes, mas é perigoso no que se refere ao pensamento militar. Tal assertiva é particularmente correta no que respeita à União Soviética.

Com freqüência faz-se menção das diferenças que existem entre um europeu e a heterogênea massa de indivíduos que compõem a República Soviética, mas essas diferenças nunca foram minuciosamente explicadas, pelo menos entre a massa da população. Em consequência, é compreensível que muitas pessoas admitam que os soviéticos atuem e reajam, em questões militares, da mesma forma que o fizeram os nazis na última guerra. Nada pode estar mais afastado da verdade. O pensamento militar soviético foi construído sobre bases muito diferentes das demais nações européias. Em alguns aspectos, está atrasado de um século em relação ao resto do mundo terráqueo.

É bem verdade que as condições normais da Rússia, com seu ilimitado potencial humano e sua muito limitada maquinária, situam desde logo esse país em uma categoria aparte. A falta de contacto com o mundo exterior e a inelutável doutri-

nação comunista, junto com as condições de vida primitivas que imperam na maior parte do país, formaram hoje em dia um povo forte, obdiente e completamente indiferente aos sofrimentos e às perdas de vidas humanas. Mas estes fatores, se bem que possam influir no emprêgo tático dos soldados em campanha, não têm influência no pensamento estratégico do Alto Comando.

Soubemos que na última guerra os processos soviéticos foram muito diferentes dos de seus aliados e também dos do inimigo. Todos os que foram testemunhas de tais processos ficaram assombrados por sua crueza, mas que resultaram eficientes contra um inimigo demoralizado e exgotado. Os processos empregados pelos chineses na Coréia têm um evidente tom familiar e é razoável supor que os soviéticos estão se valendo dessa campanha, da mesma forma que os nazis utilizaram a Espanha, com o fim de experimentar processos táticos e equipamentos.

Nesse aspecto, um estudo da campanha da Coréia ou, por exemplo, do avanço através dos Balkans e de Budapest até Viena em 1945, pode dar uma idéia dos métodos soviéticos em campanha. Mas isto não nos dará uma idéia da mentalidade diretora que se encontra atrás das forças, nem das linhas de conduta prováveis dos soviéticos para planejar uma grande campanha ofensiva no futuro.



Muitos dos comandantes de campanha soviéticos têm a mentalidade simples do General Nathan B. Forrest, que adquiriu fama na Guerra Civil Americana: "Eu chego ali primeiro, com a maior quantidade de homens." Todos rendem culto à artilharia, como o Deus das batalhas. Poucos são os que podem avaliar as possibilidades da Aviação que, mesmo em 1945, nunca chegaram a empregar além dos limites de ação da artilharia de longo alcance. Mas, não são eles que planejam e dirigem as operações; são méros executores. A máquina do Alto Comando é lenta, emperrada, mas muito minudente. Como todos os planos elaborados por uma comissão, seus planos carecem de flexibilidade e não permitem a um comandante "correr risco". Os mesmos defeitos são evidentes em toda organização soviética, desde seu sistema agrícola interno até sua política exterior. Em consequência, é normal admitir sua aparição na esfera militar.

Se queremos tentar compreender a perspectiva militar soviética, devemos estudar os pensadores militares em cujos trabalhos se baseia a sua teoria. Somente quando conhecemos o mestre da guerra que seguem, poderemos ter a veledade de predizer o que hão de fazer no campo de batalha. Embora conheçamos perfeitamente os grandes pensadores militares de outras nações e quiçá tenhamos, inclusive, alguma idéia de até que ponto sejam seguidas as teorias de um e outro em qualquer país em particular, ignoramos de maneira singular, tanto os autores militares soviéticos, quanto a linha de pensamento que, na atualidade, exercem influência sobre o Alto Comando.

Podem ser de utilidade refletir um pouco sobre as tendências que o Alto Comando russo seguiu no passado.

Antoine Henru Jomini, em certo período, general de brigada no Exército de Napoleão e a seguir

general a serviço russo, desempenhou um papel decisivo na criação da Academia Militar Russa. Foi assessor militar do Imperador da Rússia desde 1813 até sua morte em 1869. Em seus últimos anos dividiu seu tempo entre a França e a Rússia e se acha documentado o fato de ter sido freqüentemente consultado pelo Imperador russo durante a guerra da Criméia, da mesma forma que Napoleão III solicitou sua assessoria antes de lançar-se na campanha italiana de 1859.

* *

Este soldado notável nasceu no cantão de Vaud, na Suíça, em 1779. Destinado a seguir a carreira de banqueiro, conseguiu com a idade de 17 anos ocupar um cargo semi-oficial e de importância secundária no Comando do Exército Francês durante a primeira campanha italiana do General Bonaparte. Chegou a ser chefe do Estado-Maior do Marechal Ney e ocupou esse posto durante a campanha que culminou com a batalha de Austerlitz. Posteriormente prestou serviços com Ney na Prússia, na Espanha e durante a retirada de Moscou. O fato de que nunca chegasse ao Alto Comando é atribuído por alguns à inimizade pessoal de Berthier, chefe do Estado-Maior Imperial. Quando se tenha sido a causa, Jomini se sentiu amargamente contrariado por não ter tido maior acesso, e, em agosto de 1813 abandonou a Força Aliada, oferecendo seus serviços a Alexandre da Rússia. Surpreendentemente como era ainda cidadão suíço, tal fato não parece haver sido considerado como deserção ou traição.

Quando ainda se encontrava a serviço de Ney (após a Paz de Amiens), iniciou suas atividades como escritor militar com um tratado no qual comparava as campanhas de Frederico o Grande com as de Napoleão. Passando para a

Rússia continuou seus estudos e suas publicações. Sua obra teórica melhor conhecida e talvez a mais importante, é "*Précis de l'Art de la Guerre*" (1), em dois volumes, editada em 1838.

Admitiu-se a meude, ao entrar-se em contacto com os comandantes soviéticos durante a guerra e imediatamente após a mesma, que seus conceitos sobre a arte da guerra tinham um caráter nitidamente napoleônico. É razoável supor que Jomini, que era reconhecido como uma autoridade de primeira linha em questões militares; que fundou a primeira Academia Militar russa e que foi o mais prolífico autor de assuntos militares que viveu na Rússia na primeira metade do século XIX, seja ainda a influência predominante no pensamento militar soviético.

Considera-se que seus princípios fundamentais de estratégia são:

"1) Conseguir por meio de combinações estratégicas, que o grosso das forças de um Exército atue sucessivamente sobre os pontos decisivos de um teatro de guerra e, tanto quanto possível, sobre as vias de comunicações inimigas, sem comprometer as próprias;

2) Manobrar de tal forma que se consiga empenhar o grosso das nossas próprias forças contra apenas frações das do inimigo;

3) Na batalha, por meio de manobras táticas, orientar a maioria dos meios sobre o ponto decisivo do campo de batalha ou sobre a parte das linhas inimigas que seja mais importante destruir;

4) Dispor as coisas de tal forma que essas massas de manobra não só sejam levadas a atuar no ponto decisivo, senão também que sejam postas em ação com rapidez e simultaneamente, a fim de que possam exercer um esforço conjugado, no momento oportuno."

(1) "*Epítome da Arte da Guerra*", edição da Librairie Militaire de L. Baudoin, Paris, 1894. Desta obra há uma versão condensada "*Jomini's Art of War*" do Ten.-Cel. J.D. Hittle do Exército Americano (em um volume), traduzida para o português pelo Ten.-Cel. Napoleão Nobre ("*A arte da Guerra*", edição da Biblioteca do Exército, Volume CXLII de outubro de 1949). (N.T.)

É interessante comparar estes princípios com os processos adotados pelas forças chinesas na campanha da Coréia ; e é quase impossível fugir à conclusão de que as mentes que dirigem esta campanha tenham sofrido a influência de Jomini. Ao se considerar a defesa

do Ocidente e ao se planejar de como fazer frente a uma possível agressão soviética, é bem possível que conduzisse a muito bons resultados um cuidadoso estudo dessa autoridade militar por parte de nossos estadistas e dirigentes militares.

AOS COLABORADORES !

Como **COOPERAÇÃO** muito preciosa no sentido de facilitar as tarefas de impressão da Revista e, conseqüentemente, evitar o atraso de suas edições, solicitamos, encarecidamente, aos nossos colaboradores que :

1. Datilografem, na íntegra, seus trabalhos, utilizando **UMA SÓ FACE DAS FÓLHAS DE PAPEL** e deixando espaço duplo entre as linhas.

2. Destaquem, com letras maiúsculas, o título do artigo. O nome do autor (ou seu pseudônimo) deve vir entre o título e o texto.

3. Coloquem, preferentemente, em fôlha separada do texto, as figuras, as fotografias, os desenhos, etc., com as respectivas legendas. (No texto, no local desejado, basta uma simples referência ao número da figura, fotografia ou desenho, correspondente).

4. Sempre que possível, desenhem as figuras a nanquim e em papel vegetal.

5. Tratando-se de tradução, quando a fonte original autorizar a reprodução, citem essa fonte sem esquecer o nome do autor do trabalho ; no caso contrário, obtenham autorização prévia.

6. **REVEJAM SEMPRE OS ORIGINAIS** observando, rigorosamente, a ortografia oficial (a do "PEQUENO VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA", da Academia Brasileira de Letras, dezembro de 1943, Imprensa Nacional).

7. Assinem a última fôlha e **INDIQUEM O ENDE-REÇO ATUAL** para que se possa acusar o recebimento e realizar entendimentos quando necessários.